

## Escolarização de meninas e meninos brasileiros: o desafio da co-educação

[AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006. 100 p.]

*Daniela Finco\**

Desconfiar da aparente naturalidade e da suposta harmonia, questionar. O livro *Educar meninas e meninos* é um convite para treinar o olhar, duvidar e estranhar as naturalidades das pistas encontradas na educação escolar, a partir do poderoso conceito de gênero. Denuncia que nas escolas brasileiras meninas e meninos estão juntos, mas não recebem a mesma educação: é necessário estranhar este “arranjo inquestionável”.

Questionar explicações biológicas das diferenças entre homens e mulheres, entre meninos e meninas: a relevância desta discussão elaborada pela autora é fundamental, considerando que, ainda hoje, diversos pesquisadores sustentam existir, para além das diferenças anatômicas entre os sexos, várias outras distinções, entre elas a maneira pela qual o cérebro de meninas e meninos processa a linguagem, as informações, as emoções, o conhecimento e tantas outras características tidas como naturais. A autora questiona as justificativas biológicas para uma educação diferenciada de garotas e garotos e aponta como a educação, as práticas educativas, a convivência entre meninas e meninos na escola consistem em um processo social complexo, que superam as técnicas amparadas por dados científicos.

Aud, baseada em sua pesquisa de doutoramento, aponta o percurso de geração dos dados na escola denominada “Escola do caminho”, na qual observou as relações de gênero nas práticas escolares na sala de aula e no pátio. Analisa a escola como espaço sociocultural, busca compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do fazer cotidiano de professoras, de alunos e alunas, sujeitos sociais e atores na história. Aprender

\* Doutoranda em Educação (FE-USP), na área de Sociologia da Educação. Membro do Grupo de Estudos de Gênero, Educação e Cultura Sexual (EDGES) da FE-USP. [danielafinco@usp.br](mailto:danielafinco@usp.br).

a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e de negociações em função de circunstâncias determinadas: a escola pode ser um espaço discriminatório de “aprendizado da separação” ou, em contrapartida, pode ser uma importante instância de emancipação e de mudança.

Desse modo, ao analisar a escola como espaço sociocultural e, principalmente, ao resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui como instituição, a autora supera a mesmice do que vem sendo produzido sobre a temática. “A escola pode ser um espaço educativo de construção de personalidades autônomas e críticas, onde as crianças constroem suas identidades.” (Dayrell, 1996).

A segunda parte do livro, intitulada “Os óculos que uso para olhar a realidade”, apresenta o conceito de gênero como uma categoria de análise, descrevendo passagens da história do conceito. O percurso cita as pesquisas de Robert Stoller (1964), Gayle Rubin (1975), Joan Scott (1990) e traz as contribuições das pesquisas produzidas pela pesquisadora francesa Christine Delphy, nas décadas de 1980 e 1990, nas quais ela afirma que gênero é um produto social que constrói o sexo. Para explicar o complexo conceito de gênero, Auad utiliza também os estudos de Linda Nicholson, apontando o caráter histórico e geográfico do conceito.

Ao utilizar os óculos do gênero para revelar as relações de poder desiguais no interior da escola, a autora analisa dois importantes elementos da prática pedagógica: a linguagem e a organização do espaço físico; faz uma ligação entre o controle e a disciplina com a configuração de espaços. A organização dos espaços físicos é geradora de significados: é possível encontrar, por meio de sua análise, uma linha alternativa para estudar as pessoas e seu mundo social. A organização do espaço físico transmite seus valores e significados por meio de um discurso material, o que permite que sejam lidos. Assim, uma leitura corporal pôde ser feita na configuração dos espaços, em que o próprio corpo decodificou os discursos que a escola pesquisada apresentou.

A autora destaca ainda um elemento inovador para analisar como as práticas educativas não são neutras para meninas e meninos: a ocupação do “espaço sonoro” pelos meninos na sala de aula, relacionando o uso da palavra com o poder. Ao analisar os comportamentos de meninas e meninos em sala de aula, afirma que as interações pedagógicas são menos estimulantes para as meninas. “Estas, por participarem de uma dinâmica em sala de aula dominada pelos meninos, aprendem que suas contribuições têm pouco valor e que a melhor solução consiste em se retrair” (p.39).

Nesse sentido, vários aspectos devem ser considerados ao discutir a educação e as relações de gênero. É importante pensar em como diferentes mecanismos

sociais estão, de alguma forma, presentes na educação de meninos e meninas; como atuam, deixando marcas inscritas em seus corpos; como utilizam as técnicas que normatizam, disciplinam, regulam e controlam os corpos, constituindo neles comportamentos, posturas, verdades e saberes sobre o ser masculino ou feminino, ou, ainda, sobre o ser menino ou menina (Finco, 2007).

Na busca pelas experiências de meninas e meninos e por suas brincadeiras no pátio da escola, Auad analisa o aprendizado da separação nas brincadeiras e jogos. Mostra que as diferenças e as assimetrias de gênero no cotidiano escolar são explicadas por um processo que denomina “jogo da mistura-separação” (p.44). Um dos grandes diferenciais entre este e os demais os estudos na área é a análise das formas de relações entre meninas e meninos, que não se limita aos processos e às condições que estabeleceram os termos de polaridade; desmonta, assim, a lógica dualista que rege as polaridades: a mistura e as separações de meninas e meninos nas brincadeiras não correspondiam sempre às misturas e às separações do masculino e feminino. Não apenas desfaz a idéia de que cada um dos pólos (masculino e feminino) está presente no outro, mas também aponta as tentativas de avançar as fronteiras das relações de gênero na “Escola do caminho”.

A possibilidade de vislumbrar as diferentes formas de brincadeiras de meninas e meninos e a desconstrução dos pólos masculino e feminino trazem uma proposta de reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam frente às diferenças de gênero na infância: muitos são os exemplos de crianças que reagem e resistem aos modelos tradicionais de masculino e feminino. Segundo Finco (2004), é necessário desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto os brinquedos e brincadeiras forem associados a significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, apresentaremos a meninos e meninas significados excludentes.

Para apontar a diversidade das formas de ser menino e de ser menina, a autora agrupa as brincadeiras das crianças em quatro categorias de atividade: atividade exclusiva das meninas, atividade exclusiva dos meninos, atividades mistas sem predominante reforço de desigualdade entre o masculino e o feminino e, finalmente, atividades mistas com claro reforço de desigualdade entre o masculino e o feminino. Em cada uma dessas categorias são analisadas várias brincadeiras, sempre trazendo à tona o protagonismo de meninos e meninas. A discussão afirma que os jogos e as brincadeiras podem fornecer dados para a passagem de uma escola mista para uma real experiência co-educativa; é possível constatar que a brincadeira possui um papel importante no processo de socialização na infância, pois cria um espaço de experiências para a construção de identidades, entre elas a identidade de gênero. Porém, a brincadeira pode ser caracterizada por aspectos contraditórios: ela pode ser tanto um espaço para

a experimentação espontânea, como uma forma de produção e de controle dos estereótipos masculinos e femininos de uma determinada sociedade.

Para realizar uma análise ainda mais aprofundada das relações de gênero entre as crianças, a autora utiliza a contribuição de pesquisas de outros países da América Latina e da Europa, como os estudos da francesa Claude Zaidman e da americana Barrie Thornie. Traz um breve histórico da escola mista, a partir da experiência educativa da França e, ao estudar o histórico do sistema de ensino brasileiro, denuncia um sistema promotor de sutil e mascarada discriminação: uma escola mista não garante a co-educação. Assim, apresenta o embate teórico “juntos ou separados”, apontando os argumentos de defensores da escola mista e os argumentos dos que defendem contextos escolares separados. A autora faz a escolha da sua postura na discussão, não neutralizando seu lugar como pesquisadora, como pedagoga, como feminista e como professora.

O livro é um importante instrumento para a implementação de uma política de co-educação, ou seja, uma política pública propositiva e implementadora de modos de pensar e de transformar as relações de gênero na escola. Vai além: afirma que não há uma educação para a democracia sem a co-educação, sem um conjunto de ações adequadas e sistematicamente voltadas para a sua existência e manutenção. Desse modo, este é um livro publicado para suprir uma lacuna e endereçado a professores e professoras em formação e exercício, a quem está diretamente envolvido com a prática. A contribuição do livro é reconhecer que a escola, mesmo sendo mista, não está neutra, pois participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual: escola mista e co-educação não são sinônimos!

A trajetória da leitura faz com que os sentidos sejam apurados e possam perceber o quão sutil e naturalizadas são as pistas deixadas nas práticas cotidianas da educação de meninas e meninos. O livro é convite para um exercício da sensibilidade, fundamental para duvidar daquilo que nos parece tão familiar. Mais do que isso, é um desafio colocado para os profissionais da área da educação, pesquisadoras e pesquisadores, para que assumam a reflexão sobre as relações de gênero na escola como prática pedagógica, como bandeira de luta, como tema de estudo.

## Referências bibliográficas

DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DELPHY, Christine. Penser le genre: quels problèmes? In: HURTIG, Marie-Claude et al. *Sexe et genre*, de la hiérarchie entre les sexes. Paris: CNRS, 1991.

FINCO, Daniela. Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. *Revista Pro-Posições*, v.14, n.3(42), set./dez.2003, p.89-101.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p. 94-119.

NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.8, n.2, 2000, p.9-41.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Reyna (org.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.16, n.2, jul./dez. 1990, p.5-22.

STOLLER, Robert. A contribution to the study of gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 1964.

THORNE, Barrie. *Gender Play – Girls and Boys in School*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1997.

ZAIDMAN, Claude. *La mixité à l'école primaire*. Paris: L'Harmattan, 1996.